

Tupifilia internacional: tupi, cientistas e viajantes no século XIX

João Paulo Rodrigues¹

A questão da língua

É de conhecimento geral que o índio foi um importante símbolo do e no Império. Neste sentido, cabe questionar: afinal, que índio era aquele? Fundamentalmente o tupi. Não estou aqui ignorando a variedade de etnias que, como sabiam muitos dos contemporâneos, povoavam o Brasil do Império, muito menos que vários deles, como muras, botocudos e guaranis, habitaram, em vários momentos, o imaginário público e as políticas estatais. É forçoso notar, contudo, que os tupis estavam, direta ou indiretamente, presentes em relatos e testemunhos letrados da época.

No presente texto deixarei de lado essa expressão simbólica da presença tupi (como na pintura e na literatura), para me direcionar a uma expressão menos evidente do que alhures chamei de “tupifilia imperial”:² o interesse científico (que se prolongou pela República) inspirado em certas categorias nascidas na Colônia e também na Europa, sobre grupos específicos de nativos do litoral da América portuguesa e da bacia Amazônica, para, num proces-

¹ Professor de História da América da UFSJ, coordenador do mestrado em História da mesma instituição e doutor em História pela Unicamp. É autor de *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras, 1896-1913* (Editora da Unicamp, 2001).

² RODRIGUES, João Paulo C.S. *A pátria e a flor: língua, literatura e identidade nacional no Brasil, 1840-1930*, especialmente o capítulo 1.

so de diálogo entre cientistas e sábios do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa, instituir o tupi como a raça e a língua indígena brasileira por excelência. Neste percurso, o tupi adquiriu vários papéis, que não terei como discutir aqui. Limitar-me-ei, portanto, a realçar dois aspectos envolvendo o problema: o tupi como via de contato e prestígio científico para o Brasil no mundo civilizado e a importância da questão lingüística neste processo.

Quando nos aproximamos dos testemunhos que criam ou discutem este tupi, nota-se um elemento fundamental, comum e agregador: a língua. Seja como problema específico de estudo, seja como meio para tratar de problemas maiores, é notável como sábios, viajantes, escritores e professores detiveram-se neste aspecto. Independente de seu treinamento ou proficiência nas técnicas da ciência da linguagem – e mesmo do nulo ou pouco conhecimento das línguas hoje chamadas tupi-guarani – parece que autores que ocupavam o centro ou a periferia da república das letras e das ciências no Brasil imperial não tinham visto obstáculo em opinar sobre assunto que, naquele século XIX, passara a ser cada vez mais especializado.

Uma vez que tal objetivo é abrangente e incorpora discussões de ampla recorrência na historiografia dos últimos 20 anos sobre a questão nacional no Brasil, vou me restringir à análise de livros, ensaios e artigos que tinham, em seu conjunto ou em alguma de suas partes, referências à língua tupi na perspectiva de contribuir para o conhecimento científico do índio brasileiro ou sul-americano. Minha interpretação é que esta face científica da tupifilia partiu de uma proposta limitada pelo conhecimento gerado sobre os índios no período colonial para se tornar uma proposta e uma resposta direcionada a certos paradigmas das ciências e pseudociências produzidas na Europa e na América do Norte ao longo do século XIX. Em outras palavras, meu argumento é de que, além das questões nacionais do contexto imperial, a tupifilia, por ser profundamente informada pelo elemento da língua, tem que ser

entendida também no contexto do desenvolvimento da etnologia, da lingüística e do racismo em seus circuitos internacionais.

Do período colonial aos primeiros viajantes

Iniciemos então com uma genealogia do termo tupi, pois ela permite ver como as dimensões da língua, da raça e da história comecem a se mesclar na descrição européia sobre os índios, descrição que será o marco iniciador das reflexões brasileiras do século XIX.

Frei Vicente do Salvador parece ter sido o primeiro a grafar a palavra tupi, em 1627, em texto que só viria a prelo no final do século XIX. Reelaborando a dicotomia colonial entre gentio e tapuia, os tupis seriam tribos de mesma língua que se oporiam a inimigos falantes de línguas distintas entre si – os tapuias. Aparentemente, na criação do termo tupi, frei Salvador partiu de um paralelo entre as semelhanças etnolingüísticas e de etnônimos de tupinambás, tupiniquins, tupinaés e outros, falantes do que na Colônia se chamou de *língua geral* (também referida como língua brasílica no período colonial).³

O jesuíta espanhol Don Lorenzo Hervás y Panduro, em sua magna obra *Catálogo das línguas das nações conhecidas*, cuja edição definitiva, em cinco volumes, apareceu entre 1800 e 1805,⁴ adotou tupi como nome da língua falada pelas antigas tribos dos mesmos tupiniquins, tupinambás, tupinaés, e também dos timinimós, tobaiares, (po)tiguares e tocantinos. A operação parece clara: tendo um ou dois fonemas/radicais iguais (tup-, tub- ou variantes), os povos falantes da língua geral do litoral brasileiro compunham assim uma única entidade.

³ SALVADOR, Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*, p. 77.

⁴ D. Lorenzo Hervás y Panduro. *Catálogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinità, e diversità*. Cesena: Gregorio Biasini all'Insegna di Pallade, 1784, e *Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas*. 5 volumes. Madrid: Imprenta de la Administración del Real Arbitrio de Beneficencia, 1800-1805.

Entre 1810 e 1840 o tupi começa a ser utilizado mais amiúde por viajantes, historiadores e naturalistas ingleses, franceses e portugueses, como em John Luccock, James Henderson, Robert Southey, Adriano Balbi, Ferdinand Denis, Alcides d'Orbigny, Francisco Solano Constâncio e Milliet de Saint-Adolphe.⁵ De maneira geral, embora seja relacionado ao Brasil, o tupi é apresentado como um dialeto do guarani, ou ao menos em estreita conexão com ele. Hervás privilegiava o guarani, no que foi seguido pelo filólogo alemão Johann Christoph Adelung em sua tentativa de refazer o quadro das línguas do mundo.⁶

Uns vão mais além do que outros, propondo teorias etnolingüísticas sobre os ameríndios. Robert Southey, que cita Hervás e José de Anchieta, postula o parentesco entre omáguas peruanos, guaranis paraguaios e tupis do Brasil, tendo o guarani como língua-mãe. No caso brasileiro, ele reconhece a existência de outros grupos. Todavia, por desconhecimento de suas línguas, acaba por classificá-las recorrendo à antiga referência aos “tapuias”. A classificação por base geográfica de Southey também se verifica na obra do veneziano radicado em Paris, Adriano Balbi, que apresentava o tupi como parte integrante da família guarani.

De língua derivada, o tupi vai ganhando contornos mais proeminentes. Ferdinand Denis, por exemplo, retoma a dicotomia colonial, incluindo ainda a questão racial. Devido aos traços faciais e à cor da pele, os tapuias eram bárbaros de origem mongólica. Já os tupis eram

⁵ LULLCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975 [1820]; HENDERSON, James. *A history of the Brazil: comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821; SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981 [1810-1819]; BALBI, Adriano. *Atlas ethnographique du globe, ou Classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues*. Paris: Rey et Gravier, 1826; DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980 [1838]; D'ORBIGNY, Alcides. *El hombre americano considerado en sus aspectos fisiológicos y morales*. Buenos Aires: Futuro, 1944 [1839]; CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *História do Brasil, desde o seu descobrimento por Pedro Álvares Cabral até a abdicação do imperador D. Pedro I*. Paris: J.P. Aillaud, 1839; SAINT-ADOLPHE, J.C.R. Milliet de. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo, do Império do Brasil*. Paris: J.P. Aillaud, 1845.

⁶ ADELUNG, Johann Christoph. *Mithridates oder allgemeine sprachenkunde* [Quadro universal das línguas conhecidas]. Berlin: Vossische Buchhandlung, 1813. v. 3. Hervás também serviu de base para Luccock.

“uma ramificação menos nobre da raça caucasiana”,⁷ tipos viris e quase tão brancos quanto os portugueses. A linguagem também os apartava irremediavelmente. Os tapuias se dividiam em 73 tribos, que falavam centenas de línguas; já os tupis mantinham sua unidade lingüística, derivada do guarani. Aqui, Denis esclarecia o que estivera insinuado em frei Salvador (cuja obra provavelmente desconhecia) e em Hervás (que possivelmente era-lhe conhecido): a palavra tupi era derivada dos etnônimos coloniais (tupinambá, tupiniquim, etc.). Por fim, o tupi era uma linguagem “polida” – o que nos termos da época, significava ter regularidade gramatical (isto é, uma gramática com as mesmas categorias do grego e do latim), com sonoridade agradável e certo desenvolvimento poético.

Denis deixa claro ainda um último elemento, que será muito explorado posteriormente, e que apenas tangenciarei: os tupis, em estágio entre a barbárie e a civilização, e apesar dos esforços coloniais e jesuíticos, desapareceram. Os tupis estavam mortos. Mas não a língua tupi.

Estado imperial, incorporação do índio e conhecimento científico

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, através de membros a ele ligados, exerceu um papel fundamental na continuidade do impulso que vinha da Europa. Como mostraram já Manoel Luiz Salgado Guimarães e Lília Moritz Schwarcz,⁸ e pelo que se depreende das páginas da revista trimestral do Instituto, a questão indígena era um dos principais tópicos abordados, sempre em conexão com os problemas da ocupação do território, do uso da mão-de-obra nativa em relação à escrava, de origem africana, e da formação histórica da nação. Neste sentido, os artigos publicados na revista sobre línguas indígenas não escaparam a

⁷ DENIS, Ferdinand. *Brasil*, p. 24.

⁸ GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. Nação e civilização nos trópicos; SCHWARZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*, p. 99-140.

este esquema. Cabe, no entanto, entender o porquê do nítido privilégio dado ao tupi.

Lançada em 1839, a revista ostentará nove artigos relacionados a línguas indígenas na década de 1840; cinco na década de 50; dois na década de 60; três na década de 70; e oito na década de 80. Deste universo, seis são textos teóricos, sobre o ensino de línguas indígenas, dicionários topográficos e outros (portanto, não filológicos ou gramaticais); oito dizem respeito a outros idiomas (como puri e mundurucu); e nove acerca do tupi, ou língua geral, ou nheengatu.

Antes de prosseguir, devo esclarecer um ponto importante, mas que aqui não terei como desenvolver da forma adequada: um dos grandes focos do debate no século XIX foi até que ponto esta língua geral era apenas tupi, ou englobava o guarani, uma vez que, no contato com aqueles povos que vimos terem dado origem ao termo tupi, os manuscritos e publicações dos séculos XVI, XVII e XVIII falavam em “língua geral”, ou seja, na existência de um idioma comum à maioria das tribos do litoral da América portuguesa. Ao mesmo tempo, com o avanço sobre terras indígenas na Amazônia (sobretudo com o *boom* da borracha pós-1880), onde havia vários grupos tupis-guaranis, notara-se a sobrevivência de um idioma muito semelhante à língua geral, chamado de nheengatu. Os estudiosos passaram a discutir então qual o grau de parentesco do nheengatu com a língua geral, com o guarani, e se ele era ou não o tupi. Não houve consenso. Daí que vários artigos e ensaios – não só os do IHGB – mesclam os três termos: língua geral, nheengatu e tupi de forma quase indistinta.

De qualquer forma, o importante é que os artigos da revista do Instituto Histórico tinham dois objetivos, um interno e outro externo. Seguindo o espírito animador dos esforços coletivos e individuais daquela instituição, a publicação de manuscritos coloniais sobre a língua geral, de vocabulários tupis ou de outras línguas, e os debates sobre o papel da língua geral-tupi no contato com os nativos, visava tanto levantar materiais sobre a história nacional, quanto dar subsídios ao debate sobre a integração dos índios à civilização sem o recurso ao extermínio, mas ao

aldeamento, à educação e ao trabalho compulsório, conduzido pelo Estado – ainda que com o recurso à evangelização católica.

Desta forma, os artigos têm um inequívoco cunho utilitarista. É quase como se o interesse não fosse o tupi em si, mas sua capacidade de ser meio para a glória da Coroa de Bragança, para o engrandecimento da pátria, e para o orgulho da civilização. Assim, depois que Varnhagen escreveu, em 1841, que “para o estudo das raças indígenas nada nos pode ser de mais socorro do que o conhecimento das suas línguas”,⁹ sem deixar de lado o fato de que vários idiomas foram aquinhoados com estudos, nota-se a proeminência da língua geral ou, cada vez mais, tupi. Encontramos nas páginas da revista, então, artigos voltados mais para o conhecimento do tupi como instrumento de integração, como o “Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no alto Amazonas”, contribuição de Gonçalves Dias em 1854, e de outros preocupados com um resgate para a história nacional, como a publicação, em 1881, do manuscrito de John Luccock, “Gramática e vocabulário da língua tupi”.¹⁰

O tupi que emergia destes artigos e ensaios era um morto-vivo. Com exceção das contribuições de Gonçalves Dias, e de José Veríssimo,¹¹ o quadro que se pintava era de um idioma descolado de seu povo. Ou seja, de um idioma que era patrimônio da Igreja, do Estado e de letrados. O idioma tupi sobrevivera, mas a raça tupi desaparecera, ou estava praticamente extinta.

Esta interpretação marcou não apenas a revista do IHGB. Permeou quase toda a produção do período. É o que se nota no *Dicionário da língua geral dos índios do Brasil*, de 1854, de João Joaquim da Silva Guimarães, sócio correspondente do IHGB, no *Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*, de 1858, de Gonçalves Dias,

⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Etnografia indígena, línguas, emigrações, e arqueologia..., p. 368.

¹⁰ DIAS, Antônio Gonçalves. Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no Alto-Amazonas. *RIHGB*, ano 17, p. 553-576, 1854; A GRAMMAR and vocabulary of the tupi language partly collected and partly translated from the works of Anchieta and Figueira noted Brazilian missionaries by John Luccock – Rio de Janeiro – 1818. *RIHGB*, ano 43, p. 263-344, 1880 e ano 44, p. 1-130, 1881.

¹¹ Trata-se de VERÍSSIMO, José. As populações indígenas da Amazônia: sua linguagem, suas crenças e seus costumes. *RIHGB*, ano 50, p. 259-390, 1887.

no *Glossários de diversas línguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil*, de Martius, de 1863, e de *O selvagem*, de Couto de Magalhães, de 1876.¹² Mesmo aquelas obras – como as da escola paraense da década de 1850 – que apontavam para o fato de que a língua geral ou tupi da época dos jesuítas tinha se transformado em língua franca da Amazônia brasileira traziam em si o pressuposto desta desconexão entre língua e falantes originais.

A partir de meados da década de 1870, entretanto, o tupi começa a recuperar a dimensão que tinha quando era mencionado apenas em obras editadas na Europa: objeto de ciência. Na confluência da recepção de alguns autores da lingüística histórica e do racismo científico, o interesse pelo tupi se amoldou de forma a tanto preservar seu caráter instrumental e seu significado para a história nacional, e a enriquecer o conhecimento civilizado sobre as raças e línguas humanas. Em outras palavras, o tupi, rerepresentado às comunidades científicas do Velho Continente e da América do Norte, adicionava um discurso distanciado, próprio à objetividade científica, ao discurso ufanista, afeito ao engrandecimento nacional.

O ufanismo não desapareceu, porém, dos estudos sobre as línguas brasílicas, mesmo nos escritos por não-brasileiros. No Glossário de Martius, é bem claro o objetivo civilizacional que envolve o tupi:

Desejaria que nos lugares mais próprios se formassem escolas da língua geral brasílica, para o uso daqueles brasileiros, que têm de tratar com os índios.

Concebo enfim, que por este meio possa-se alcançar um aumento da civilização dos indígenas. Pois enquanto a experiência demonstra que estes selvagens opõem ao influxo das línguas européias toda a indolência refratária do seu caráter, os sucessos dos antigos fundadores da língua geral brasílica provam o va-

¹² GUIMARÃES, João Joaquim da Silva. *Dicionário da língua geral dos índios do Brasil*. Salvador: Camillo Lellis Masson, 1854; DIAS, Antônio Gonçalves. *Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. Leipzig: F.A. Bockhaus, 1858; MARTIUS, Karl Friederich von. *Glossários de diversas línguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil*; MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *O selvagem*.

lor de um expediente adequado ao gênio dos índios. É verdade que alguns destes obedecem com presteza às ordens, que lhes foram dadas em português, mas nunca penetram na verdadeira inteligência desta língua, não aprendem falá-la corretamente e com facilidade, e forçá-los a pensar nesta língua seria o mesmo, que forçá-los a tomar um natural alheio, desfazendo-se do seu próprio.

Estabelecendo então centros da instrução e indústria destes povos e atraindo-os sucessivamente dos seus matos à vizinhança dos brasileiros com doçura e suavidade, eles devem aprender o bem-aventurado “*ora et labora*”, para viver em trabalho, sossego e felicidade.

Com estas intenções de filantropo entrego o presente volume aos ilustrados amigos do Brasil, e conluo fazendo votos os mais ardentes para a prosperidade daquele belo Império, que, conduzido pela sabedoria de um monarca constitucional, esclarecido, magnânimo e verdadeiro amigo da ciência, caminha de passo seguro para seu grande destino.¹³

Couto de Magalhães, que escreveu *O selvagem* como contribuição etnológica do Brasil à Exposição Internacional da Filadélfia de 1876, ia no mesmo sentido:

A paz e segurança de grande parte de nossas populações do interior, nossas comunicações internas, o aproveitamento de regiões fertilíssimas, a vida das únicas indústrias produtivas do interior – a pastoril, extrativa, a de transportes pelos rios que não têm navegação a vapor; são tantas razões de ordem social que solicitam os esforços do Brasil em bem do amansamento de nossos selvagens.¹⁴

Para Couto de Magalhães era essencial aprender o tupi, pois “por toda parte onde quer que uma raça civilizada se pôs em contato com

¹³ MARTIUS, Karl Friederich von. *Glossários de diversas línguas e dialetos...*, p. xviii.

¹⁴ MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *O selvagem*, p. xiii.

uma raça bárbara viu-se forçada: ou a exterminá-la, ou a aprender sua língua para com ela transmitir suas idéias”.¹⁵

A convivência destas duas dimensões era moeda comum nos empreendimentos científicos feitos no Brasil, mesmo quando pela mão de estrangeiros. Deve-se levar em consideração certos elementos para entender este tipo de procedimento. Boa parte destas observações era feita por naturalistas, cujo procedimento muitas vezes era mais descritivo do que analítico. As viagens feitas ao Brasil e à América do Sul serviam para a coleta de dados para posterior elaboração – o que muitas vezes não era feito. Além do mais, as ciências naturais ainda se mantinham sob a égide da leitura bíblica da história natural, e de sistemas de classificação pré-evolucionistas. A revolução darwiniana dava apenas seus primeiros passos.

Lingüística e darwinismo

E qual era o paradigma proposto na *Origem das espécies*, de 1859? Como bem se sabe, a teoria da evolução. Ocorre que a idéia de que há uma trajetória inata que rege os organismos biológicos, por meio da qual ocorrem transformações constantes nos elementos individuais, de forma a que os tipos coletivos (espécies e, como se verá, as línguas) também mudem, foi primeiramente sistematizada na filologia comparada, também chamada de gramática comparada, ou lingüística histórica, ou ciência da linguagem.

Desde 1784, quando Sir William Jones, em Calcutá, notou as semelhanças entre o sânscrito, o grego, o latim, o persa, o alto alemão e o celta, os estudos lingüísticos tomaram o rumo comparativo e histórico. Ou seja, notou-se que as línguas se agrupavam em famílias, ramos e troncos e que era possível provar as ligações entre elas e reconstituir genealogias, traçando boa parte da transformação de alguns grupos, notadamente do ramo indo-europeu (durante o século XIX conhecido também como

¹⁵ Ibid., p. xxxii.

“ariano”), da família semita e de uns poucos representantes do extremo oriente, como chinês e japonês.

A explosão de estudos lingüísticos centrou-se quase exclusivamente no sânscrito e no hindi, no persa antigo e nos idiomas europeus. Os estudiosos da primeira metade do século XIX, sobretudo alemães, mas também dinamarqueses, ingleses e franceses, começaram a descobrir certas regularidades gramaticais, fonéticas e de vocabulário, a ponto de permitir a formulação de leis de evolução, que, por sua vez, levaram à elaboração de redes de classificação dentro do ramo indo-europeu. Os que estudavam na França e na Inglaterra (entre os quais muitos alemães) passaram a ser conhecidos como “orientalistas”. Desta forma, conseguiu-se mostrar a existência de famílias (como a celta, a germânica, a latina, a eslava) que, além de agruparem línguas vivas, as conectavam a ancestrais desaparecidos. Como muitas línguas mortas não deixaram descendentes (era o caso de boa parte das línguas celtas), e certas famílias eram formadas por uma única língua (como o sânscrito), os lingüistas traçaram linhas variáveis e com ramificações. Foram, muito provavelmente, as primeiras árvores genealógicas bem-sucedidas nas ciências.

Como mostraram Léon Poliakov, Edward Said e Thomas Trautmann,¹⁶ os orientalistas tiveram um grande impacto na cultura letrada europeia, gerando estudos sobre as religiões asiáticas (notadamente o budismo e o hinduísmo), o que Friedrich Max Müller chamou de *mitologia comparada*, assim como sobre suas formas de arte e ciências. Stephen Alter demonstrou ainda que o impacto da ciência da linguagem foi tão forte que Darwin se apropriou da imagem da árvore genealógica para melhor explicar como uma variante biológica derivava em várias outras, que acabavam por se transformar em novas espécies.¹⁷

¹⁶ POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*; SAID, Edward W. *Orientalismo*; TRAUTMANN, Thomas R. *Aryans and British India*. É distinta a importância e o caráter dados ao orientalismo pelos três autores mencionados, mas não creio que as diferenças comprometam o destaque ao orientalismo em si. Para críticas à abordagem de Said (o mais polêmico dos três autores mencionados), ver, entre outros: ANDREW, J. Rotter. Saidism without Said: *Orientalism and U.S. diplomatic history*. *The American Historical Review*, v. 105, n. 4, p. 1.205-1.217, out. 2000; Trautmann, *Aryans and British India*, p. 19-25.

¹⁷ ALTER, Stephen G. *Darwinism and the linguistic image*.

Este ponto é fundamental, pois no paradigma das ciências naturais, ainda vigente, o recurso à comparação era superficial e aleatório, sem a dimensão da regularidade interna, ou procura por parte do cientista de que o funcionamento e a dinâmica de indivíduos e grupos tivessem como base elementos semelhantes entre si, segundo leis próprias.

A bem da verdade, e ao contrário da interpretação de Marcus de Freitas¹⁸ (que utiliza o termo “romântico” para se referir às ciências pré-darwinianas) nenhum dos dois paradigmas se isolou completamente, o que é particularmente evidente na tupifilia. Mesmo na *Origem das espécies* é possível encontrar esta postura subjetiva e poética. O último parágrafo da obra deixa isso bem claro:

Há grandeza nesta forma de considerar a vida, com seus vários poderes atribuídos primitivamente pelo sopro do Criador a um pequeno número de formas, ou mesmo a uma só; e enquanto o nosso planeta, obedecendo à lei fixa da gravitação, continua a girar na sua órbita, uma quantidade infinita de belas e admiráveis formas, originadas de um começo tão simples, não cessou de se desenvolver e desenvolve-se ainda.¹⁹

No caso da tupifilia, estes elementos se mesclam ainda a outras características – para além das relativas à questão nacional no Brasil, já mencionadas. É preciso considerar que os estudiosos, com raríssimas exceções, como talvez seja o caso de Batista Caetano de Almeida Nogueira, faziam as vezes de cientistas no mais amplo sentido da palavra. Charles Frederik Hartt era naturalista, etnólogo, paleontólogo e geólogo. Von Martius era botânico, historiador e romancista. Varnhagen era historiador. Couto de Magalhães nem erudito era. Foi político, militar, sertanista e empresário. João Barbosa Rodrigues era botânico. Aqueles que falaram sobre o tupi no Segundo Reinado, portanto, deixavam entrever em suas obras sobre esta língua características de seus outros fazeres. É bem verdade que também na Europa, ao menos até por vol-

¹⁸ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*.

¹⁹ DARWIN, Charles. *A origem das espécies*, p. 509.

ta de 1870, alguns cientistas ainda costumavam transgredir fronteiras que, na realidade, apenas estavam se formando: o mentor de Hartt, o suíço-norte-americano Louis Agassiz estudava geologia, paleontologia e zoologia; August Schleicher, autor de famosa gramática das línguas indo-germânicas, também era zoólogo, especialmente dedicado às borboletas. O próprio Darwin e seu parceiro na descoberta da teoria da evolução, Alfred Russell Wallace, escreveram narrativas de viagem (em que o Brasil aparece com destaque) recheadas de comentários sobre as sociedades que conheceram.

Apesar disso, os estudiosos do tupi procuraram, na medida do possível, agregar os princípios da ciência da linguagem. Martius, aquele que no Império chegou mais perto do caráter comparativo proposto pela lingüística histórica, ora tratou o tupi como uma língua, ora como uma família de línguas. Todavia, assim como vinha ocorrendo desde os anos 1850, fazia uma homologia entre raça e língua. Ele também apresentava um tupi, de características aglutinantes, inferior às línguas européias. Ou seja, sua idéia de tupi tentava uma conciliação entre a noção de língua geral, privilegiada frente os idiomas tapuias, com novas considerações da lingüística. Assim sendo, Martius tanto inovava, quanto criava uma nova escala de julgamento, pois, por trás do conceito de aglutinação, a filologia comparativa perpetuava a tradicional dicotomia entre línguas primitivas e línguas civilizadas, ou “polidas”.

Ao considerar as línguas como estruturas gramaticais lógicas e integrantes de uma mesma árvore genealógica, não haveria lugar para a antiga imagem da escada ascendente indo de línguas “bárbaras” e desordenadas até as “ricas”, “belas” e superiores. A idéia de relações de parentesco e de um transformismo contínuo e complexo, num sistema em que todas as partes possuem um lugar próprio em função do todo e não de critérios exteriores à estrutura gramatical, esvaziaram a idéia de línguas inferiores e superiores.²⁰ Apesar disso, os estudiosos do século XIX não escaparam a alguns preconceitos eurocentristas em relação aos povos ditos “primitivos”. Propôs-se, por exemplo, uma classificação morfológi-

²⁰ TRAUTMANN, Thomas R. *Aryans and British India*.

ca das línguas em três tipos. As línguas *isolantes* (ou *monossilábicas*) se caracterizariam pela não distinção entre raiz (ou morfema) e palavra. Já em uma língua *aglutinante* as palavras seriam compostas pela junção de duas ou mais raízes. Finalmente, os idiomas *flexionais* seriam aqueles em que afixos vazios de significados quando isolados se juntariam às raízes para formar novas palavras. A aglutinação seria um processo falho, uma flexão incompleta. Achava-se que haveria um grau de complexidade crescente em relação ao processo isolante, passando pelo aglutinante, até chegar ao flexional. As línguas não pertenceriam rigidamente a uma ou outra categoria, mas deveriam ser classificadas a partir da predominância de um dentre os três processos. Também se propôs, como fez Max Müller, uma teoria evolutiva, na qual cada representante flexional teria sido antes aglutinante, e cada aglutinante teria sido antes monossilábico, até a cristalização no último estágio. Portanto, embora a maioria dos lingüistas não advogasse claramente a superioridade do ramo indoeuropeu, a idéia de que havia níveis de complexidade na expressão do pensamento insinuava uma hierarquia.

Se, por um lado, o tupi aglutinante era inferior ao português flexional, ao menos era mais polido em relação aos idiomas dos outros povos indígenas, o que revivia a antinomia colonial gentio-tapuia. Dizia Martius:

Um exemplo mui saliente deste fenômeno [são] as hordas na nação jês nas margens do rio Tocantins, as quais, há alguns decênios, entrando em tráfico com os brancos, já não usam um só puro dos dialetos da sua própria linguagem, antes sim falam uma geringonça corrompida, profundamente misturada de elementos muito diversos e sem regra alguma. Maior corrupção ainda observa-se entre os difamados canoieiros em Goiás, os muras e outras hordas sem domicílio certo e errantes. Estas não são descendentes de uma só nação, mas uma mistura de diversos índios com mulatos, cabras, negros e brancos, que foram banidos da comunidade dos cristãos, desertores da lei e civilização. Estas sociedades ferozes, recrutando-se da escória da humanidade, vivendo sem matrimônio, sem lei e sem pejo algum, do roubo, da pilhagem e do homicídio, flagelo da população pacífica limítrofe aos seus

esconderijos, têm formado uma gíria de ladrões, volúvel e sem fundamento gramatical, o que simboliza seu estado moral depravado. Não há dúvida, que estes inimigos da ordem já se vêm apertados pela expansão do domínio da lei, e em tempo não muito remoto hão de desaparecer, mas mesmo com a extinção deles os sertões hão de nutrir como na América do Norte, uma barbárie poliglota, e a qual o amigo filantropo do Brasil se sentirá instigado de traduzir nos domínios abençoados da civilização.²¹

A teoria do tupi como idioma aglutinante, que pode parecer algo secundário, na realidade revela não só a leitura das teorias formuladas nos centros do saber especializado, como também a necessidade que marcou o final do Império, no sentido de “popularizar” o Brasil no exterior. Na mesma época em que D. Pedro II visitava as exposições internacionais, como a da Filadélfia, de 1876, e chamava e recebia eruditos europeus, como Hartt e a comissão de geólogos norte-americanos na década de 1870, e Arthur de Gobineau que, embora enviado pela França como diplomata, era recebido pelo imperador na sua intimidade palaciana, a literatura sobre o tupi se internacionalizava. E, no seu bojo, disseminava-se a imagem de uma grande família (ou, para uns, grande raça) que dominara boa parte da América do Sul.

O reconhecimento internacional do tupi a partir de 1870

Após o livro de Martius, surgiu o trabalho do professor de geologia da Universidade Cornell (Estados Unidos), Charles Frederik Hartt, que esteve na Amazônia e em outras províncias brasileiras entre 1865 e 1877. No intervalo de suas viagens com o antidarwinista Agassiz e os trabalhos da Comissão Geológica do Império, Hartt publicou, em inglês, as “Notas sobre a língua geral ou tupi moderno do Amazonas”, nos *Tratados da Associação Filológica Americana*, em 1872, nas quais defendia um modelo então já em voga no qual uma grande raça tupi-guarani, originária do centro da América do Sul, dera origem às tribos coloniais

²¹ MARTIUS, Karl Friederich von. *Glossários de diversas línguas e dialetos...*, p. xi.

e às ainda vivas que povoaram o litoral brasileiro e a região dividida pelo Brasil, Argentina e Paraguai.²²

Pode-se elencar ainda *O selvagem*, de Couto de Magalhães, um caso singular, pois foi escrito em português. A objetivada tradução para o inglês, como contribuição brasileira à exposição de 1876, à qual o segundo Pedro atenderia em pessoa, não chegou a ocorrer. Couto, deve-se destacar, também adotava a interpretação de que o tupi era um idioma aglutinante.

Lembremos ainda do volume quase esquecido de Varnhagen, escrito em francês e editado em Viena, também em 1876, intitulado: *A origem turaniana dos americanos tupi-caribes e dos antigos egípcios indicada principalmente pela filologia comparada*. Varnhagen – e nisto talvez ele seja mais claro do que outros autores do período – atacou a teoria em voga entre certos estudiosos franceses e hispano-americanos de que os quéchuas e talvez os aimaras fossem raças arianas decaídas, o que se provaria por afinidades entre a estrutura de suas línguas e as das línguas indo-européias do ramo asiático. Para ele, aqueles povos indígenas provavelmente eram asiáticos, mas nunca arianos. Incomodava-lhe, apesar do seu não escondido desprezo pelos indígenas, que outros países americanos tivessem tal primazia frente ao Brasil. Ora, qual forma melhor de assegurar civilização européia para a nação, de elevá-la comparativamente aos países vizinhos e, ao mesmo tempo, participar dos eruditos debates lingüísticos europeus do que propor a singular teoria que o livro sustentava? Varnhagen afirmou que os tupis eram da família turaniana, que atravessaram a África antes de passar ao Brasil, o que ele “comprovava” comparando seu idioma com o egípcio antigo, entre outros idiomas mortos.

O interesse aqui reside em mostrar como o afã cientificista podia se apoderar dos tupinólogos. A teoria turaniana nunca tivera muito crédito na Europa, apesar de ter sido criada em 1854 pelo prestigiado Max Müller, professor de Oxford nascido na Alemanha. Devido à dificuldade que então havia em classificar certas línguas euro-asiáticas, como o turco, o finlandês, o húngaro e o basco, Müller defendeu que (ao contrário do que hoje se sabe) elas pertenceriam a um ramo isolado. A palavra “ária”,

²² HARTT, Charles Frederik. Notes on the língua geral, or modern tupi of the Amazonas.

termo de origem persa, designa algo como “habitante do Āryāvarta” (região noroeste da atual Índia) e também “homem honrado”, “senhor”, “nobre”. *Iran* significa “(terra) dos árias”. Já “turânico”, que apareceria em textos zoroastrianos, seria o designativo persa para as terras de povos nômades na Ásia central, em oposição à terra dos árias. Müller adotou o termo e propôs agregar a ele alguns idiomas caucásios e europeus. No modelo bipolar que informava às vezes a lingüística e a etnologia, Müller achou que a proposta se difundiria, mas a verdade é que os estudos, já na década de 1870, mostraram a impossibilidade da existência de tal família (o turco, por exemplo, foi posteriormente classificado dentro da família turcomana). Mas a tupifilia era mais forte e Varnhagen adotou a teoria assim mesmo.²³

Ainda nesta linhagem de *marketing*, por assim dizer, se inserem os trabalhos de Amaro Cavalcanti, conselheiro do Império, magistrado e professor do Colégio Pedro II, e os do imperador em pessoa. Cavalcanti publicou, em inglês, pela Imprensa Nacional, em 1883, *A língua brasileira e sua aglutinação*, em que defendia ser o tupi um idioma aglutinante. O monarca escreveu, dentre outros, o verbete sobre a língua tupi que constou do livro editado pelo barão do Rio Branco, por Eduardo Prado e pelo historiador, economista e geógrafo Paul Émile Lévasseur por ocasião da participação brasileira na exposição universal de Paris de 1889.²⁴ Além de aparecer na forma de livro, a publicação constou como o verbete “Brasil”, da *Grande enciclopédia*, editada na França em vários volumes entre 1885 e 1902. Pseudocientífica, a parte sobre a língua tupi, de autoria de Sua Alteza Imperial, mistura classificações etnolingüísticas com comentários impressionistas sobre a beleza daquele idioma e a perspectiva de instrumento de atração dos indígenas.²⁵ O imperador, em certa medida,

²³ Na segunda edição da sua *História geral*, Varnhagen incorpora e resume a tese de *A origem turânica*: PORTO SEGURO. [F.A. de Varnhagen]. *História geral do Brasil*, p. 24 e 54-58.

²⁴ O livro contava com a colaboração de famosos cientistas franceses. Ver os artigos: “A antropologia”, de barão do Rio Branco e Sigismund Zaborowski-Moindron; “As instituições, primitivas no Brasil” de Ernest-Desiré Glasson, em LEVASSEUR, Émile. *O Brasil*, p. 43-51, 175-180.

²⁵ D. Pedro II [sem indicação de autoria]. Algumas notas sobre a língua tupi. In: LEVASSEUR, Émile. *O Brasil*, p. 172-175. O texto foi publicado originalmente sem a indicação da autoria imperial.

resume a tupifilia, nos aspectos da recuperação da dicotomia gentio-tapuia, da legitimação do Império como motor da civilização na América através da incorporação dos índios e da divulgação da ciência, e da insinuação de um sentido espiritual do tupi. Tal rede de significados, incluída em uma obra feita com o claro propósito de divulgar o progresso da nação no maior evento internacional de glorificação da modernidade ocidental, ganha um imenso efeito simbólico que, por ironia da história, vinha a lume no mesmo ano em que caía a monarquia, um forte abalo nas estruturas da tupifilia.

Por fim, não se pode esquecer dos autores estrangeiros que, ao contrário de Hartt e de Martius, pouca ou nenhuma ligação tiveram com o Brasil,²⁶ como Cesare Poma, Julius Platzmann e Lucien Adam,²⁷ especialistas em línguas americanas que, nas décadas de 1870 a 1890 estudaram o tupi em perspectiva comparativa com outros idiomas das Américas, além de reeditarem na Europa textos manuscritos de gramáticas jesuíticas.

Um bom índice da “popularização” do tupi na literatura científica internacional está na recorrência com que é mencionado nas revistas anglo-americanas dedicadas à antropologia e à lingüística, o que evidencia a formação de uma rede de circulação de uma determinada idéia sobre o tupi calcada na sua unidade e predomínio sobre amplo território. O fato de que se trata de artigos dedicados, na imensa maioria, a temas distintos da lingüística sul-americana, só reforça a interpretação de que, apesar de circular nas margens da ciência da época, a tupinologia fora bem-sucedida em se fazer conhecida. Também se destaca que boa parte dos artigos trata da etnologia da América utilizando-se do material lin-

²⁶ Este não era o caso de Denis, conhecido escritor dedicado ao Brasil. Ver: DENIS, Ferdinand. *Rapport sur quelques ouvrages de linguistique brésilienne publiée en ces derniers temps*. Paris: Bouchard-Houzard & Jules Tremblay, 1877.

²⁷ POMA, Cesare. *Di un giornale in guarani e dello studio del tupi nel Brasile*. Turim: Eredi Botta, 1897; ADAM, François Lucien. *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille tupi*. Paris: Maisonneuve, 1896. Julius Platzman reeditou várias gramáticas, vocabulários e catecismos dos séculos XVI, XVII e XVIII em Leipzig, pela editora Trübner. Entre eles: *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1876); *Arte y vocabulario de la lengua guarani* (1876); *Catecismo de la lengua guarani* (1876); *Dicionário anônimo da língua geral do Brasil* (1896); *Catecismo brasílico da doutrina cristã* (1898).

güístico sem o mesmo pudor que estudiosos dedicados, notadamente, à Ásia e Europa, demonstravam.

Assim, entre 1850 e 1925, os trabalhos de Martius são mencionados ao menos sete vezes em cinco grandes publicações.²⁸ Couto de Magalhães é citado três vezes, entre 1886 e 1925.²⁹ *A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1596), de José de Anchieta também aparece em três artigos, entre 1874 e 1918.³⁰ O tupinólogo Batista Caetano Almeida Nogueira é mencionado duas vezes.³¹ Amaro Cavalcanti, D'Orbigny, Hervás e outros também são mencionados amiúde.³² Entretanto, o mais

²⁸ São elas: KING, Richard. Address to the Ethnological Society of London delivered at the anniversary, 25th May 1844. *Journal of the Ethnological Society of London*, n. 2, p. 33, 1850; MARKHAM, Clements R. A list of the tribes of the Valley of the Amazons, including those on the banks of the main stream and of all tributaries. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 16, 1864; BRINTON, Daniel G. The Arawak language of Guiana in its linguistic and ethnological relations. *Transactions of the American Philosophical Association*, v. 14, n. 3, p. 434, 1871; HARTT, C. F. Notes on the lingua geral or modern tupi of the Amazonas. *Transactions of the American Philological Association*, v. 3, p. 59-60, 1872; FERREE, Barr. Climatic influences in primitive architecture. *American Anthropologist*, v. 2, n. 2, p. 158, abr. 1890; BRINTON, D. G., The linguistic cartography of the Chaco region. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 37, n. 158, p. 183,189, dez. 1898; RICE, A. Hamilton. Plans for exploration at the headwaters of the Branco and Orinoco. *Geographical Review*, v. 15, n. 1, p. 120, jan. 1925.

²⁹ BRINTON, Daniel G. On polysynthesis and incorporation as characteristics of American languages. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 23, n. 121, p. 80, jan. 1886; RICE, A. Hamilton et al. Further explorations in the north-wet Amazon basin: discussion. *The Geographical Journal*, v. 44, n. 2, p. 167, ago. 1914; RICE, A. Hamilton. Plans for exploration at the headwaters of the Branco and Orinoco, *Geographical Review*, v. 15, n. 1, p. 121, jan. 1925.

³⁰ TRUMBULL, J. Hammond. On numerals in American Indian languages, and the Indian mode of counting. *Transactions of the American Philological Association*, v. 5, p. 41, 1874; BRINTON, Daniel G. On polysynthesis and incorporation as characteristics of American languages, p. 82-83; RICE, A. Hamilton; SWANSON, John W. Notes on the Rio Negro (Amazonas). *The Geographical Journal*, v. 52, n. 4, p. 214, out. 1918.

³¹ BRINTON, Daniel G. On polysynthesis and incorporation as characteristics of American languages, p. 80; BRINTON, Daniel G. Rate of change in American languages. *Science*, v. 10, n. 252, p. 274, 2 dez. 1887.

³² ANTHROPOLOGY. *The American Naturalist*, v. 19, n. 1, p. 1127-1134, nov. 1885; BRINTON, Daniel G. The philologic of grammar of American languages, as set forth by Wilhelm von Humboldt, with the translation of an unpublished memoir by him on the American verb. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 22, n. 120, parte 4, p. 306-331, out. 1885; BRINTON, Daniel G. On polysynthesis and incorporation as characteristics of American languages; BRINTON, Daniel G. Current notes on Anthropology. *Science*, v. 3, n. 76, p. 861, 12 jun. 1896; BRINTON, Daniel G. The linguistic cartography of the Chaco region, *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 37, n. 158, p. 178-205, dez. 1898; MARKHAM, Clements R. A list of the tribes of the Valley of the Amazons, including those on the banks of the main

revelador são dois elementos que, originários da tupifilia brasileira, aparecem reproduzidos por antropólogos, geógrafos e lingüistas ingleses e norte-americanos. Há a mescla dos termos “tupi”, “tupi-guarani” e “língua geral”,³³ e há a identificação do tupi como principal raça brasileira, quase sempre omitindo ou minimizando o papel dos guaranis.³⁴ Neste último elemento é ainda nítido que o tupi deixa de ser apenas ramo ou dialeto do guarani, tal como se vê em artigos das décadas de 1860 e 1870.³⁵ Por fim, nota-se certo número de artigos que simplesmente

stream and of all tributaries; BRETON, Adela. Seventeenth International Congress of Americanists, Buenos Aires, May 16th to 24th, 1910. *Man*, v. 10, p. 141-144, 1910.

³³ LESLEY, J.P. On the insensible graduation of words. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 7, n. 62, p. 129-155, jul./dez. 1859; LESLEY, J.P. Notes. *The American Naturalist*, v. 5, n. 7, p. 448-450, set. 1871; SIMSON, Alfred. Notes on the Piojes of the Putumayo. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 8, p. 215-216, 1879; BRINTON, Daniel G. On polysynthesis and incorporation as characteristics of American languages. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 23, n. 121, p. 79-84, jan. 1886; RICE, A. Hamilton et al. Further explorations in the north-wet Amazon basin: discussion. *The Geographical Journal*, v. 44, n. 2, p. 167, ago. 1914; RICE, A. Hamilton. Further explorations in the north-wet Amazon basin. *The Geographical Journal*, v. 14, n. 2, p. 156, ago. 1914; SCHULLER, Rudolph. Native poetry of northern Brazil. *The Journal of American Folklore*, v. 28, n. 110, p. 365-375, out./dez. 1915; RICE, A. Hamilton; SWANSON, John W. Notes on the Rio Negro (Amazonas), *The Geographical Journal*, v. 52, n. 4, p. 214, out. 1918; RICE, A. Hamilton. Plans for exploration at the headwaters of the Branco and Orinoco. *Geographical Review*, v. 15, n. 1, p. 115-122, jan. 1925.

³⁴ PRICHARD, James Cowles. Anniversary address for 1848, to the Ethnological Society of London on the recent progress of Ethnology, *Journal of the Ethnological Society of London*, v. 2, . p. 145, 1850; MARKHAM, Clements R. On the races of the Peruvian Andes, and on the communication between the Andes and the Atlantic. *Proceedings of the Royal Geographical Society of London*, v. 15, n. 5, p. 373, 1870-1871; BRINTON, Daniel G. The conception of love in some American languages. *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 23, n. 124, p. 559-560, dez. 1886; STEWART. On the inhabitants of Paraguay, *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 23, p. 176, 1889.; CHAMBERLAIN, Alexander F. Linguistic stocks of South American Indians, with distribution map. *American Anthropologist*, v. 15, n. 2, p. 236-247, abr./jun. 1913.

³⁵ Os artigos são: MACKENSIE, Kenneth R.H. Notes on a stone axe from the Rio Madera, Empire of Brazil. *Journal of the Anthropological Society of London*, v. 5, p. clxxxvi-clxxxviii, 1867; Proceedings of scientific societies, *The American Naturalist*, v. 3, n. 9, p. 502-503, nov. 1869; FORBES, David. On the Aymara Indians of Bolivia and Peru. *Journal of the Ethnological Society of London*, v. 2, n. 3, p. 196, 1870; LUBBOCK, John. Notes on the Macas Indians. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 3, p. 32, 1874.; CLARK, Hyde. Researches in prehistoric and protohistoric comparative philology, mythology, and archaeology, in connection with the origin of culture in America, and its propagation by the Sumerian or Akkad families. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 4, p. 202, 1875; HUMBOLDT, Wilhelm von. On the verb in American languages. *Proceedings of the*

mencionam a língua, família, ramo tupi ou tupi-guarani, o que, apesar da brevidade da citação, certamente ajudava a fixar o termo na literatura internacional.³⁶

Conclusão

Um dos componentes da tupifilia foi sua articulação internacional. A noção do tupi dependeu bastante de uma ampla rede entre o Brasil, os Estados Unidos e a Europa. Um indianismo filológico que necessitou das teorias lingüísticas e etnológicas mais modernas, a tupifilia brasileira também procurou apresentar suas conclusões à audiência especializada internacional, com uma dimensão eminentemente científica e, na segunda metade do século XIX, também com uma dimensão nacionalista. A valorização do tupi pode ser medida, por exemplo, numa breve pas-

American Philosophical Society, v. 22, n. 120, parte 4, p. 337-338, 353-354, 1885.

³⁶ São elas: TRUMBULL, J.H. The Algonki verb. *Transactions of the American Philological Association*, v. 7, p. 161, 1876; Anthropology. *The American Naturalist*, v. 11, n. 5, p. 310, mai. 1877; ROWBOTHAM, J.F. Certain reasons for believing that the art of music in prehistoric times passed through three distinct stages of development, each characterized by the invention of a new form of instrument, and that these stages invariably succeeded one another in the same order in various parts of the world. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 10, p. 382-383, 1881; Ethnological notes. *Science*, v. 9, n. 222, p. 443, 6 mai. 1887; DERBY, Orville A. *Science*, v. 12, n. 292, p. 11.117-11.118, 7 set. 1888.; RECORD of American Folk-lore. *The Journal of American Folklore*, v. 3, n. 9, p. 162-163, abr./jun. 1890; BRINTON, Daniel G. The International Congress of Americanists. *American Anthropologist*, v. 4, n. 1, p. 36, jan. 1891; MASON, Otis Tufton. Bows and arrows of central Brazil. *Science*, v. 3, n. 76, p. 868-869, 12 jun. 1896; MASON, Otis Tufton. Aboriginal American zootechny. *American Anthropologist*, v. 1, n. 1, p. 48, jan. 1899; MASON, Otis Tufton. Traps of the Amerinds: a study in psychology and invention, *American Anthropologist*, v. 2, n. 4, p. 662, out./dez. 1900; GIGLIOLI, E.H. Portrait of a Guayaqui Indian. *Man*, v. 4, p. 161, 1904; MACCURDY, George Grant. The Sixteenth International Congress of Americanists. *American Anthropologist*, v. 10, n. 4, p. 653, out./dez. 1908; CHAMBERLAIN, Alexander F. Periodical literature. *The Journal of American Folklore*, v. 23, n. 87, p. 142, 158-161, 169, jan./mar. 1910; CHAMBERLAIN, Alexander F. Periodical literature. *The Journal of American Folklore*, p. 24, n. 91, p. 423, 429, 602, jan./mar. 1911; SCHULLER, Rudolph. Erroneous interpretation of the 'tears greeting'. *American Anthropologist*, v. 17, n. 3, p. 607-609, jul./set. 1915; SCIENTIFIC notes and news. *Science*, v. 42, n. 1.089, p. 688, 12 nov. 1915; BLAKE, R.H. Notes on the alto Rio Branco, north Amazonas. *The Geographical Journal*, v. 47, n. 5, p. 368, mai. 1916; MACCURDY, George Grant. Anthropology at the Washington meeting *Science*, v. 43, n. 1.121, p. 903, 23 jun. 1916; QUEVEDO, Samuel A. Lafone. Guarani kinship terms as index of social organization. *American Anthropologist*, v. 21, n. 4, p. 421, out./dez. 1919; FAWCET. Correspondence. *Geographical Review*, v. 15, n. 4, p. 696, out. 1925.

sagem da apresentação de Daniel Brinton da análise de Wilhelm von Humboldt (irmão do viajante Alexander von Humboldt) sobre os verbos nas línguas americanas, na qual se chocam a interpretação da inferioridade lingüística tupi frente aos idiomas europeus e a representação positiva do povo tupi como um povo corajoso e digno.³⁷ O termo foi adotado por autores europeus que escreviam primordialmente para europeus (Hervás, Luccock, Southey, Balbi, Denis), procurando encaixar a realidade etnolingüística ameríndia em modelos de grandes raças e de troncos idiomáticos. Mas o tupi foi reapropriado também para novas finalidades. E, na volta do parafuso, foi devolvido à literatura científica internacional, em obras escritas em francês, alemão e inglês como se vê, por exemplo, na teoria turaniana de Varnhagen, na taxonomia de Martius e no resumo de Cavalcanti.

Ao procurarem apoio em teorias da ciência da linguagem, ao escreverem para o público europeu e norte-americano, ao tornarem quase sinônimos tupi, nheengatu e língua geral, ao darem proeminência ao tupi em relação ao guarani, ao incorporarem a perspectiva (já abandonada por volta de 1860 entre os principais lingüistas) de que o conhecimento do tupi levava a uma classificação racial, os autores citados aqui, uns em maior (como Martius e Couto de Magalhães), outros em menor medida (como Hartt e Cavalcanti), acabavam por pintar um quadro que incorporava um dos principais aspectos do indianismo literário: o índio brasileiro era, fundamentalmente, o tupi.

É mesmo possível especular se a proeminência dada pelos naturalistas viajantes das décadas de 1810 a 1840 ao guarani, bem como a maior circulação das gramáticas espanholas sobre este guarani e, ainda, o impacto da rivalidade entre Brasil e as repúblicas sul-americanas (e em especial da Guerra do Paraguai), não teria motivado alguns destes autores

³⁷ "Os tupis podem ser um povo energético e habilidoso, mas com sua linguagem eles não podem nunca tomar uma posição de senhores no campo das idéias", em: BRINTON, D.G. *The philosophic grammar of American languages, as set forth by Wilhelm von Humboldt, with the translation of an unpublished memoir by him on the American verb. Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 22, n. 120, parte 4, p. 326, out. 1885. Este é o único trecho do artigo que comenta várias características de línguas indígenas, em que o autor tece algum julgamento de valor antropológico.

a responder utilizando a história e a etnolingüística, alçando o Império a uma posição de destaque frente a seus vizinhos. Outra hipótese que se pode adicionar é que, se as palavras do lingüista Robert Gordon Latham (“não há parte do mundo sobre a qual a filologia comparativa é mais incerta e obscura do que a América do Sul”)³⁸ estão certas, a tupifilia acabou por ser beneficiada por estas incertezas, lançando um raio de luz sobre um panorama que seria duvidoso.

Mesmo que pesquisas adicionais devam ser feitas para se saber até que ponto o tupi rivalizou com outras grandes famílias americanas, como o caribe, o quéchua, o guarani, o patagônio ou o omágua, fica evidente que a tupifilia imperial fez do tupi uma referência na literatura etnológica e lingüística internacional, no que diz respeito às raças e línguas americanas.

³⁸ LATHAM, Robert Gordon. *Elements of comparative philology*, p. 478.

Referências bibliográficas

- ALTER, Stephen G. *Darwinism and the linguistic image*. Baltimore: The John Hopkins University, 1999.
- CAVALCANTI, Amaro. *The Brazilian language and its agglutination*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Ediouro, 2004.
- DENIS, Ferdinand. *Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- GUIMARÃES, Manoel L. Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, n. 1, p. 5-27, 1988.
- HARTT, Charles Frederik. Notes on the língua geral, or modern tupi of the Amazonas. *Transactions of the American Philological Association*, n. 3, p. 58-76, 1872. Traduzido como: Notas sobre a língua geral ou tupi moderno do Amazonas e publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, n. 51, p. 303-390, 1929.
- LATHAM, Robert Gordon. *Elements of comparative philology*. London: Walton and Maberly, 1862.
- LEVASSEUR, Émile. *O Brasil*. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras e Expressões, 2000.
- MARTIUS, Karl Friederich von. *Glossários de diversas línguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil*. Erlangen: Druck von Junge & Sohn, 1863.
- PANDURO, Lorenzo Hervás. *Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinitá, e diversitá*. Cesena: Gregorio Biasini all'Insegna di Pallade, 1784.
- _____. *Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas*. Madri: Imprenta de la Administración del Real Arbitrio de Beneficencia, 1800-1805.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

RODRIGUES, João Paulo C. S. *A pátria e a flor: língua, literatura e identidade nacional no Brasil, 1840-1930*. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALVADOR, Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TRAUTMANN, Thomas R. *Aryans and British India*. Berkeley: University of California Press, 1997.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Etnografia indígena, línguas, emigrações, e arqueologia: padrões de mármore dos primeiros descobridores. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ano 3, v. 11, p. 366-376, 1841.

_____. *História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, s.d. [1876].

_____. *L'origine touranienne des américains tupi-caribes et des anciens égyptiens montrée principalement par la philologie comparée: et notice d'une émigration en Amérique effectuée a travers l'Atlantique plusieurs siècles avant notre ère*. Viena: Faesy & Frick, 1876.